

RAJAGOPALAN, K. *POR UMA LINGÜÍSTICA CRÍTICA: LINGUAGEM, IDENTIDADE E A QUESTÃO ÉTICA*. SÃO PAULO: PARÁBOLA EDITORIAL, 2003, 135 PÁGS.

Resenhado por: Liliane Jaqueline Ribeiro

Muitos lingüistas acreditam que o que falta é maior divulgação das nossas pesquisas(...). No lugar de divulgação, penso que, o que deve haver é uma maior interação. Entre o lingüista e o leigo.(...) A divulgação é monológica, unilateral. A interação é dialógica, uma conversa de mão dupla. (p. 9 e 10)

Afirmações instigantes como essa são encontradas a todo o tempo na obra *Por uma lingüística crítica. Linguagem, identidade e a questão ética*, a qual contém 16 pequenos capítulos, frutos da participação do professor Kanavillil Rajagopalan em congressos brasileiros nos últimos cinco anos. O livro classifica-se como pertencente à área intitulada filosofia da linguagem, o que pode ser constatado pela afirmação do autor de que o objetivo do trabalho é estimular um debate como forma de despertar as idéias próprias nos lingüistas sobre o papel da Lingüística na sociedade.

Os capítulos, em sua quase totalidade, tratam da identidade da própria Lingüística como área científica do conhecimento (Capítulos 1, 2, 3, 4, 5, 8, 12, 15 e 16); da identidade da Lingüística Aplicada (Capítulos 9 e 13); e as mudanças em curso na identidade lingüística de cada um de nós (Capítulos 6, 7 e 11). Os Capítulos 4 e 16 levantam indagações sobre as razões do pouco ou nenhum reconhecimento por parte dos ‘leigos’ sobre o papel da Lingüística na sociedade:

→ Por que a Lingüística se encontra numa fase de desgaste, de estagnação ou até mesmo de franco declínio em países como os EUA e a Grã-Bretanha?

→ Haveria, além de explicações externas (...), também fatores internos à própria ciência que podem ter contribuído para a atual queda de interesse e procura?

→ É possível recuperar o terreno perdido, reverter o quadro (...), que tipo de ação concreta tal esforço demandaria?

→ É possível que haja algo que nós (...) possamos fazer, a fim de desfazer o total desconhecimento ou opiniões distorcidas acerca do nosso trabalho?

→ É possível que, durante muito tempo, tenhamos simplesmente ignorado as opiniões dos leigos ao nos dedicar à nossa missão de elaborar teorias a respeito da linguagem?

Na visão de Rajagopalan há uma íntima relação entre ética e identidade. Ao reivindicar uma postura ética, ou seja, política, do(a) lingüista em relação à sua disciplina no que diz respeito a todas as suas especificidades, inclusive teóricas, o autor reconhece a necessidade de uma nova identidade para a Lingüística. A postura a-crítica, herdada do positivismo no início de sua formação (e continuada, ainda por algumas correntes, como a teoria gerativa, de Noam Chomsky, que vê a língua como um fato natural, em vez de social) é apresentada como uma das causas do descompasso entre o novo mundo, globalizado, de identidades multifacetadas e as velhas formas de se estudar a linguagem. Cabe notar que não é recente essa preocupação com a maneira ‘neutra’ de se estudar a língua. Bakhtin, em uma obra de 1929, critica a Lingüística por lidar com a linguagem como um ato individual: “A enunciação como um todo não existe para a Lingüística” (p. 105); e completa: “A enunciação é de natureza social” (p. 109). A verdade, como afirma Rajagopalan, é que a dimensão política envolvendo as línguas nunca foi o forte da Lingüística, e, se isso não for encarado, corre-se o risco de sermos ultrapassados pela marcha dos acontecimentos. Diga-se de passagem que escolher não dialogar com a sociedade ou não refletir sobre nossas posições teóricas é também uma questão política.

Rajagopalan ainda afirma que a questão política perpassa todos os fenômenos relacionados à língua, como a designação (Capítulo 10, cujo ponto central é o fenômeno da nomeação como um ato eminentemente

político) e a representação (Capítulos 3 e 14: “a construção da identidade do lingüista (...) passa pela questão da política da representação”.)

Por uma lingüística crítica é uma obra que se propõe a refletir sobre questões complexas, mas com uma linguagem acessível, fluente, muitas vezes informal. A presença de metáforas como: “uma língua é um dialeto que conta com um exército e uma marinha” (p. 65); “fogo se combate com fogo” (p. 111); “quem não dá a devida importância às lições da história está condenado a repetir os mesmos erros do passado,” (p. 92); de expressões populares: “se dá ao luxo de” (p. 42), “sacos de pancada” (pp. 10, 56), “luta de foice” (p. 58); de palavras e expressões estrangeiras: ‘*déjà-vu*’ (p. 9) ‘*insights*’ valiosos (p. 76); olhar do ‘*outsider*’ (p. 74) revela-nos um tom provocativo, uma ruptura com a visão tradicional de ciência e Lingüística com base na seleção lexical. Também torna a leitura bastante agradável e não diminui a credibilidade do trabalho, ao contrário, o autor, dessa forma, instiga os lingüistas a (re)pensar suas formas de abordar a teoria e relacioná-la à prática.

Algumas questões abertas no livro necessitam ser desenvolvidas; o próprio autor afirma que não há espaço suficiente, ou não é seu propósito, no momento, responder perguntas levantadas, ou aprofundar certos assuntos. O objetivo primeiro do trabalho, como já foi dito, é estimular o debate, pois muitos dos problemas citados ainda não têm respostas e cabe a nós, lingüistas, refletirmos sobre eles.

O Capítulo 14, intitulado *Sobre a arte, a ficção e a política de representação* afasta-se das questões gerais da obra ao lidar com a representação e a relação entre ficção e realidade/literatura e ciência. O mesmo pode ser dito do Capítulo 10 *Designação. A arma secreta, porém incrivelmente poderosa, da mídia em conflitos internacionais*.

Por uma Lingüística crítica é dirigido aos lingüistas em geral, e em particular àqueles que insistem em manter-se distantes dos problemas sociais em nome de uma ‘postura neutra’ que na realidade também é ideológica. Nas palavras do autor: “enclausuram-se em uma torre de marfim contemplando com saudade o mundo perdido de identidades fixas e delineadas uma vez por todas. Ao agir assim condenam a disciplina à total irrelevância”. A solução, ou talvez a salvação da Lingüística, é aceitar,

(como fizeram alguns cientistas das ciências exatas em suas áreas), o papel político-ideológico do(a) lingüista, tomar-se consciência de que trabalhar com a linguagem é necessariamente um ato político, reconhecer que “a linguagem é uma prática social” (cf. Fairclough, 1992/2001). Felizmente, essa mudança já vem acontecendo. Segundo Norman Fairclough: “tem havido mudanças significativas na Lingüística em décadas recentes; a Sociolingüística e a Análise de Discurso são agora partes bem estabelecidas do campo”. (p. 1) Os lingüistas que abraçam a corrente crítica tomam como pressuposto inicial a idéia que as nossas falas são atravessadas pelas conotações político-ideológicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bakhtin, M. (Voloshinov) *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. M. Lahud e Y. T. Vieira. São Paulo: Editora Hucitec, 1979.
- Fairclough, N. *Analysing discourse*. Londres e Nova York: Routledge, 2003.
- . *Discurso e mudança social*. Coord. trad., revisão e pref. à ed. bras. I. Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.